

Os Anticoncepcionais Orais e suas Interações Medicamentosas

Clarissa Wenzel
Ana Paula Zanini Frasson

Da necessidade de controle da ovulação surgiram os AHO (anticoncepcionais hormonais orais) que agem sobre a hipófise bloqueando a liberação de gonadotrofinas. Estes medicamentos são compostos por estrogênios e progestogênios, em diferentes combinações, podendo estas serem monofásicas, bifásicas ou trifásicas. Atualmente encontram-se doses diminuídas e melhoradas para que os efeitos colaterais sejam reduzidos ao mínimo. Apesar disso, existem contra-indicações para o uso destes medicamentos, como gravidez, câncer de mama e doenças cardíacas entre outras, as quais devem estar bem esclarecidas para que não existam complicações para a saúde das usuárias. Um fator que também tem influência na ação dos AHO, são as interações medicamentosas que devem ser mínimas e de preferência estarem ausentes. Elas podem ocorrer tanto no sentido de potencializar (sinergismo) quanto de inibir (antagonismo) a ação de um medicamento. Existe uma grande quantidade de fármacos que podem provocar a diminuição da eficácia contraceptiva. Pode-se citar vários antibióticos como amoxicilina, eritromicina, penicilinas, rifampicina e tetraciclina, os quais provocam alterações na absorção intestinal dos AHO. Fármacos como carbamazepina, fenitoína, fenobarbital e primidona aumentam o metabolismo dos esteróides,

reduzindo também sua eficácia. Estas interações também podem ocorrer com duas substâncias muito utilizadas nos dias de hoje, o fumo e o álcool, que acabam por interferir na ação farmacológica dos AHO, fazendo com que surjam sérios efeitos adversos, entre eles a ocorrência de doença cardiovascular. É necessária uma rigorosa avaliação da paciente pelo médico para analisar as condições de saúde e então avaliar os riscos e benefícios quanto ao uso dos AHO.

Palavras-chave: anticoncepcionais, anovulatórios, interações medicamentosas.